

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

NOS 10 ANOS DO MIL: MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO

DEZ POSIÇÕES DE PRINCÍPIO	8
---------------------------------	---

AINDA SOBRE DALILA

DALILA, UM SOPRO DE MISTÉRIO OU POESIA Henrique Manuel Pereira	40
O DOURO DE DALILA PEREIRA DA COSTA: 20.000 ANOS DE IDENTIDADE E TRADIÇÃO José Almeida	44
POESIA E SABEDORIA EM DALILA PEREIRA DA COSTA José Carlos Seabra Pereira	48
ENTRE SERPENTE E IMACULADA: DALILA PEREIRA DA COSTA OU O BREVIÁRIO DOS INSTANTES DE UMA FILOSOFIA AUTOBIOGRÁFICA Luísa Borges e Joaquim Pinto	50
DALILA LELLO PEREIRA DA COSTA: TRÊS INSTANTES DE UMA MÍSTICA (QUASE) DESCONHECIDA Pedro Sinde	56
CARTA DE DALILA PEREIRA DA COSTA António Cândido Franco	60

OUTRAS EVO(O)CAÇÕES

ALBANO MARTINS António José Borges	62
ANTÓNIO QUADROS Renato Epifânio	63
CABRAL DE MONCADA Pedro Velez	64
DAMIÃO DE GÓIS Delmar Domingos de Carvalho	66
FERREIRA DEUSDADO J. Pinharanda Gomes	68
FRANÇOIS GUIZOT Ricardo Vélaz Rodríguez	75
GASPAR DE QUEIROZ RIBEIRO António José Queiroz	88
MANUEL ANTUNES E MIGUEL TORGA José Lança-Coelho	92
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO Emanuel Oliveira Medeiros	93
ORTEGA Y GASSET Joaquim Pinto e Luísa Borges	110
SAMPAIO BRUNO José Carlos Casulo	116
VASCO GRAÇA MOURA José Almeida	121

OUTROS VOOS

SOBRE A PAZ Adriano Moreira	124
A GERAÇÃO “NÓS” NA CULTURA GALEGA António Braz Teixeira	127
DA UTILIDADE DO INÚTIL, OU PORQUE SE DEVE ENSINAR FILOSOFIA NO ENSINO SECUNDÁRIO Artur Manso	138
USOS E COSTUMES DE LISBOA E DO PORTUGAL DO SÉCULO XVIII - O RELATO DO VIAJANTE-PEREGRINO NICOLA ALBANI DE MELFI Brunello Natale De Cusatis	144
O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO: CORPO, CARNE E ETERNIDADE Carlos Aurélio	150
CORPO DANÇANTE E COMUNICAÇÃO: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO GRUPO DE DANÇA CABO-VERDIANA <i>RAIZ DI POLON</i> Elter Manuel Carlos	158
SITUAÇÃO DO KRAUSISMO NA CULTURA PORTUGUESA Joaquim Domingues	169

<i>A RENASCENÇA PORTUGUESA E A GRANDE GUERRA: O NÚMERO ESPECIAL</i>	
<i>DE A ÁGUIA SOBRE A PARTICIPAÇÃO PORTUGUESA NO CONFLITO MUNDIAL</i> José Carlos Casulo.....	173
<i>A ROBOTIZAÇÃO DO MUNDO: O FUTURO DA HUMANIDADE</i>	
<i>E A UTOPIA DA CONSTRUÇÃO DE UMA ARISTOCRACIA GLOBAL</i> José Eduardo Franco e Vítor Silva	185
<i>OLHARES SOBRE MOISÉS E A RELIGIÃO</i> José Maurício de Carvalho, Thais Caroline Reis de Ávila e Wallace Félix Cabral Silva	191
<i>APONTAMENTOS SOBRE “O POBRE TOLO” E “O POBRE LOUCO”</i> Luís de Barreiros Tavares	198
<i>EQUADOR À LUZ DE OS MALAS: UMA LEITURA DIALÓGICA</i> Paula Oleiro.....	203
<i>“ANTES TEOR QUE TEOREMA”: DO AMOR PELA SABEDORIA À SABEDORIA DO AMOR</i> Pedro Vistas.....	208
<i>OITO DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS</i> Renato Epifânio	219
<i>AUTOBIOGRAFIA 6</i> Samuel Dimas	225

EXTRAVOO

<i>VIDA CONVERSÁVEL – SEGUNDA PARTE (CONTINUAÇÃO)</i> Agostinho da Silva	240
<i>CINCO ESCRITOS INÉDITOS</i> António Telmo.....	242

BIBLIÁGUIO

<i>OBRAS PUBLICADAS EM 2018</i> Renato Epifânio.....	246
<i>SOBRE A SAUDADE: V COLÓQUIO LUSO-GALAICO</i> Miguel Ángel Martínez Quintanar	247
<i>O MUNDO ÀS AVESSAS: O MANICÓMIO CONTEMPORÂNEO</i> Pedro Vistas	251
<i>A SUBJETIVIDADE NOS LIMITES DA RAZÃO, ENSAIOS DE ESTÉTICA</i> Samuel Dimas.....	255
<i>ÉTICA RELACIONAL: UM CAMINHO DE SABEDORIA & SIDONIO PAES: HERÓI E MÁRTIR DA REPÚBLICA</i> José Almeida	258
<i>FULGORES DE FÁTIMA</i> Joaquim Domingues	260
<i>PORTUGAL CATÓLICO</i> Manuel Curado	262
<i>O TRATADO DE VERSIFICAÇÃO PORTUGUESA</i> Júlio Amorim de Carvalho	269
<i>RAÍZES DE PESSOA NA GALIZA</i> Maria Dovigo.....	273
<i>A CIDADE VIRTUOSA</i> Maria Leonor Xavier.....	275

POEMÁGUIO

<i>ISRAEL</i> Jesus Carlos.....	38
<i>O ESPLENDOR DA VERDADE</i> Joel Henriques.....	39
<i>INTRODUÇÃO À ETERNIDADE</i> António José Borges	122
<i>ANTECEDAM OS CENSOS</i> Jaime Otelo	123
<i>(À ANA); “OLHA, DAISY” ; EU NÃO ESQUEÇO ; (PARA A MYRIAN)</i> Manoel Tavares Rodrigues-Leal	237
<i>FILHO; AURIGA</i> Luísa Borges	239
<i>ARLEQUIM</i> António José Queiroz	245
<i>SIDÓNIO</i> Renato Epifânio	245

MEMORIÁGUIO.....280

MAPIÁGUIO.....281

ASSINATURAS.....281

COLECÇÃO NOVA ÁGUIA.....284

EDITORIAL

Tendo germinado em 2006, no âmbito das comemorações do centenário do nascimento de Agostinho da Silva, o MIL: Movimento Internacional Lusófono nasceu no início de 2008, aparecendo já expressamente referido no Manifesto da *Nova Águia*, nos seguintes termos: “O projecto *Nova Águia* não se esgota na revista assim designada, sendo uma das expressões de um movimento mais vasto de carácter cultural, cívico e pedagógico, o MIL: Movimento Internacional Lusófono, que pretende continuar o trabalho do movimento da Renascença Portuguesa, no início do século XX, agora a uma escala também lusófona (...)”. Uma década depois, começamos por recordar alguns dos momentos mais marcantes desta caminhada – que, bem o sabemos, está ainda no início –, e algumas das nossas posições de princípio. Uma década depois, o MIL é decerto a maior instituição da sociedade civil no que se refere ao reforço dos laços entre os países e regiões do espaço lusófono – a todos os níveis: cultural, social, económico e político –, assim procurando cumprir o sonho de Agostinho da Silva: a criação de uma verdadeira comunidade lusófona, numa base de liberdade e fraternidade. Sendo a *Nova Águia* uma das expressões maiores desse nosso horizonte.

Por isso, sem complexos, como sempre, continuamos a salientar as figuras maiores da cultura lusófona – em particular, aquelas que os nossos “media” mais *estrangeirados* continuam a desprezar. Dalila Pereira da Costa é um excelente exemplo disso: em 2018, assinalaram-se os cem anos do seu nascimento; que outra revista cultural em Portugal, a não ser a *Nova Águia*, assinalou devidamente esse centenário?... Por isso, voltamos à carga: depois de no número anterior lhe termos dado o destaque de capa, publicando

dez ensaios sobre a sua obra, publicamos neste número mais meia dezena (e mais uma Carta): ensaios apresentados, em primeira mão, num Ciclo evocativo que promovemos, durante todo o ano passado, no Palacete Visconde de Balsemão, no Porto.

Em 2020, assinalam-se os cinquenta anos da morte de Almada Negreiros, outra figura singular da cultura lusófona – antecipando essa efeméride, publicamos neste número um ensaio de fôlego (e de fogo) de Elísio Gala. Depois, evocamos mais uma dúzia de figuras relevantes da nossa cultura e, em “outros voos”, publicamos uma dezena e meia de textos, sobre as mais diversas temáticas. Como tem sido hábito, também neste número publicamos textos inéditos de Agostinho da Silva e António Telmo. Por fim, em “Bibliáguio”, publicamos uma dezena de recensões de diversas obras publicadas recentemente. No início de uma nova década, a *Nova Águia* irá assim, com a descomplexada convicção de sempre, prosseguir o seu voo.

A Direcção da *Nova Águia*

Post Scriptum: Saudamos aqui o ingresso de mais três Vice-Directores da *Nova Águia*: Anna Galvão, Nuno Sotto Mayor Ferrão e Samuel Dimas. Nas suas respectivas áreas (Artes Plásticas, História e Filosofia), eles irão decerto reforçar este nosso voo cada vez mais partilhado.

Já na fase final da paginação deste número, recebemos a triste notícia do falecimento do nosso colaborador João Bigotte Chorão. Em sua homenagem, publicaremos, no próximo número, alguns textos sobre a sua Obra, bem com a série completa das suas “Cartas sem resposta” (algumas delas já publicadas em números anteriores da *Nova Águia*).

PORTUGAL: PÁTRIA, NAÇÃO E PARAÍSO

Elísio Gala

*Para Dalila Pereira da Costa
e Lima de Freitas, em Saudade*

*“A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao Mar.”*

D. FUAS ROUPINHO E A NAU CATRINETA

Cremos que todos terão na memória a lenda do milagre do Sítio da Nazaré, lenda em que D. Fuas Roupinho, companheiro indómito de D. Afonso Henriques e Alcaide de Porto de Mós, andando a praticar com seus companheiros a sua distração favorita, a montaria, acabou por deles se perder, devido a um espesso nevoeiro. Subitamente, postou-se perto de si um veado enorme e, em tão cego entusiasmo galopou para o alcançar que, só quando viu o veado atirar-se a um abismo, reparou onde se encontrava. Presstes a cair nesse abismo, num instante, invocou a Senhora da Nazaré que, surgindo no céu, frente à montada, fez o que força humana alguma conseguiria fazer. No precipício estatelava-se, em fumo negro, o Diabo e, como agradecimento deste milagroso salvamento, erigiu D. Fuas a capela da Memória, aí, onde a Senhora da Nazaré lhe aparecera e o cavalo estacara.

Cremos também que, após passar pelo coração comovido, terão na memória, a história de bravura, de fé, de estoicismo — “Uma história de passar” inebriadora da nossa imaginação — da Nau Catrineta, “Que tem muito que contar”: tempestades, viagens longuíssimas, fome e sede indescritíveis, a ponto de se chegar a ingerir as solas dos sapatos, culminando em tentativa de antropofagia, tentação demoníaca, misericordioso socorro divino. História que nos devolve intacto o instinto de saber viajar pelo passado. Resumo verdadeiro e poético da nossa História Trágico-Marítima, dominando o *Romanceiro*, sintetizou a Fé e o Heroísmo da vida, viagem e trabalhos dos portugueses pelos Elementos:

O SAGRADO E O SENSÍVEL

O crer, a crença, a querença, é um termo medial, premissa e promissor de algo que o transcendendo, verdadeiro ou bondoso o seja, não é todo dele, ainda quando a ele se comunique. Antes de qualquer conhecimento, patenteiam, quanto a nós, estas duas histórias, mais do que uma crença, uma fé antiga, ingénua e unânime da humanidade na inseparabilidade do terreno e do sagrado¹. Isto é, nelas se afirma que não há terreno ou realidade sensível sem ligação ao sagrado nem sagrado sem ligação ao terreno. A inseparabilidade inata do sagrado e do sensível em cada pessoa é o espírito (*op. cit.*, pp. 159-160).

O sagrado é representável por um ponto e um círculo, símbolo do perfeito. Se no círculo colocarmos um quadrado, temos o exacto e o sensível. Ambos, sagrado e sensível, se movimentam do ponto até ao círculo. O sagrado conhece o caminho e o fim. O sensível, desconhecendo o fim, vai conhecendo o caminho, distinguindo o cognoscível, (o quadrado) do incognoscível (o círculo) (*op. cit.*, p. 43; pp. 54-55; p. 182; p. 184).

A inseparabilidade do sagrado e do sensível, essa afirmação comum às duas histórias não inibe, antes exige a iniciativa pessoal da interpretação das mesmas. Mais, esta comum afirmação apresenta-nos o mais forte instinto humano, o da continuidade, sucedendo-se naturalmente pelas gerações (*op. cit.*, p. 120; p. 159), passando de Elemento para Elemento (*op. cit.*, p. 133; p. 142).

A lenda de D. Fuas Roupinho e essa síntese de fé heróica que é a Nau Catrineta com o que

¹ In *Ver*, Editora Arcádia, Lx., 1982, p. 77.

contém em si de clareza, inteligibilidade e mistério, são para nós sinais do inicial e irrepetível movimento do homem no mundo. São a indicação de que, quem não tiver sido antigo, não pode hoje ser novo. Eis porque constituem para nós, como pensamos constituem para Almada, firmes pontas do fio que nos orientará no labirinto do sensível e sagrado. Fio que é o programa do Homem para chegar não só até si, como ao fim do mundo, pelas duas faces do espírito: a memória e a imaginação.

A MEMÓRIA E A IMAGINAÇÃO

Memória é “esquecer o que está e recordar a novidade que aí vem. Recordar porque é idêntica, novidade porque não é igual” (*op. cit.*, p. 225). Não sentir a necessidade de recordar é já prova, não só de ignorância no uso da memória, como de falta de memória (*op. cit.*, p. 227). O uso, o exercício próprio da memória para Almada Negreiros, reside em aplicá-la, de preferência, ao que não se assistiu do que àquilo a que se assiste: as ideias e os factos por elas gerados, desligados da memória. Como é complicado “dizer à juventude que o imediato que intimamente mais lhe interessa e que representa a tradição da continuidade humana é precisamente a memória do mais antigo que há” (*op. cit.*, p. 225). O caminho para o Homem se encontrar é o da memória, não o da História por mais assombrada que esteja com seus formidáveis factos e datas.

É claro que a História nos ensina que houve várias Idades e nesse ensinamento aflige — com uma aflição duradoura de mais de três séculos — as gerações actuais, metidas entre duas Idades quotidianas, idênticas e desiguais. Metidas a braços entre o fim de uma Idade com os seus direitos adquiridos e o início de outra, ainda sem o hábito da memória. Cumprindo o que está, servindo-o e obedecendo ao que chega, mas sem tempo para o que virá, é com esperanças numa nova luz que as actuais gerações participam da ingloria do fim (*op. cit.*, pp. 224-225). A sua heroicidade, no humano eclipse em que se vive, consiste na consciência desta situação, acrescentada à consciência da mesma insolubilidade.

A voz teórica e antiga da memória à humani-

dade será devolvida “No dia em que os direitos adquiridos pelas parcelas da humanidade não se sobrepuerem aos direitos adquiridos por todos os legítimos herdeiros da humanidade” (*op. cit.*, p. 227).

Uma Origem, ponto de partida comum às várias Idades e por elas diferentemente interpretada é, não só a garantia da continuidade do homem por todo o tempo do tempo, mas também a garantia da criatividade única de cada Idade.

A Origem é a Novidade, “Única, Sagrada e Imutável” (*op. cit.*, p. 231), caracterizável pelos seus dois passos: o primeiro, a visão das leis do Caos; o segundo, o caminho da oposição às leis aterrorizadoras do Caos, pelas imaginadas leis da Ordem. Temendo-se o incumprimento das Leis da Ordem ditaram-se as Regras. Resultado: desvirtuaram-se as Leis, cumpriram-se as Regras, como se o princípio — que jamais se sabe onde e como começa — já estivesse vivido. Havia que voltar ao princípio, fazer revolução. Eis porque a Novidade é o que há de mais antigo e simultaneamente o que vier a existir de mais novo no mundo. Eis porque quem não criar ou verificar o novo no seu tempo, pela interpretação imaginativa que na sua Idade faz do Original, é o maior ignorante do mundo (*op. cit.*, pp. 229-230).

De mãos dadas caminham memória e imaginação. A memória é o próprio da Novidade. A imaginação é o próprio da Originalidade. A uma imaginação cega com vontade e excessos de capricho, fantasia e quimera, ajuda uma memória com olhos, mas sem iniciativa, ainda quando conheça todos os caminhos com e sem saída (*op. cit.*, p. 232).

O TODO E A OBRA

Lendas, parábolas, histórias de pasmar, histórias da curiosidade começada no primeiro dia do Mundo, sangue da tradição oral — esse “livro vivaz das gerações” como lhe chamou o organizador do *Romanceiro*, Almeida Garrett — que não mede o tempo pelas épocas, mas pela vida do homem. Quem é que entre a gente, dita instruída, erudita, culta, não as toma por barbarismos? Ainda se reconhecerá que nelas “se exerce o sensível” e o “sagrado” na sua melhor comunicação com o maior número (*op. cit.*, p. 228; pp. 247-249)? Os “cultos” não são senão amantes da erudição “essa ciência da memória

sem ligação com a terra do sentimento². No povo — essa palavra cheia de mitologia e lenda — talvez já só entendam as lendas e parábolas, já só tenham tempo para elas os analfabetos e os pobres de espírito.

É da simplicidade com que os mitos, lendas e parábolas nos surgem que se parte para a civilização e a cultura.

O que podemos caracterizar como a “Teoria do Conhecimento” de Almada Negreiros pode ajudar-nos a perceber o valor de tal simplicidade: o Homem ao interpretar o Todo criado e a sua Causa activa, transpõe para um mundo imitado — a obra — essa sua interpretação (passividade). Passando-se o Homem para a obra, a acção permanece nele.

A Causa Activa, única, imutável, a mais profunda e simples, indivisível, é a criadora. O Todo por ela criado, sendo igualmente indivisível, simples e profundo, não é perfectível e caracteriza-se pela pura passividade perante a Causa Activa. É este Todo composto pelas “unidades sensíveis” — casamento entre a matéria e o espírito — denominadas “universo” e “pessoa humana”.

O Todo é a unidade comum ao Bem (ou Exacto), anterior ao Belo, por sua vez anterior ao Justo (ou Perfeito)³ e à Ocasão (cada caso pessoal que dá entrada no conhecimento sensível à acção), as cinco unidades universais, todas elas ocasiões do Logos (*op. cit.*, p. 55). Ora, os quatro universais da personalidade humana formam-se, um quinto no Belo que é o mais próximo do perfeito, isto é, o número. O número é o “belo achado”, ou o (...) achado do belo” (*op. cit.*, p. 188).

O Belo é, ultrapassados os momentos do cognoscível (o “saber”, património comum do conhecimento humano e o “conhecimento”, saber comum captado por cada homem), o símbolo ideal da vida perfectível e da harmonia da saúde, entre exacto e perfeito, finito e infinito, par e ímpar. A catarse operada pelo belo, traduzindo a superação do cognoscível, é o terceiro nascimento do homem: pela mulher; pela maiêutica; por si próprio. O cognoscível, o exacto, é o homem,

isto é, a aprendizagem e o andaime da obra, a veste do belo. O incognoscível, o perfeito, é o homem livre, a obra pronta, isto é, o homem nu. O Belo não se fica, pois, apenas no estético que é apenas uma sua quarta parte com as outras três: o ético, o lógico e o religioso (*op. cit.*, p. 181). O número formado pelos quatro ângulos rectos no círculo perfeito foi o belo achado da aritmética.

TODO



São os quatro primeiros números os da Tétrada Sagrada, a saber:

“1, a origem da inseparabilidade do sagrado e do sensível no infinito mais distante de nós no passado, o princípio, o ponto. 2, o sagrado, inseparável do sensível, mas invariável no tempo, o círculo. 3, o sensível, inseparável do sagrado, mas variável no tempo, o quadrado. 4, os lados do quadrado separando no círculo o cognoscível do incognoscível e correspondendo cada lado aos valores universais da personalidade humana: lógico, ético, estético e religioso, estabelecendo o belo no círculo perfeito da inseparabilidade do sagrado e do sensível.” (*op. cit.*, pp. 185-186).

A pessoa humana funciona como Segunda causa, imitadora. A imitação não é cópia, não é uma análise material do Todo, uma via exacta soberba de razão, guardando em si o número da Besta (*op. cit.*, p. 58; p. 180), mas uma síntese. A esterilidade da exactidão ocorrerá se o sintetismo não provocar sobre ela a única possibilidade de conhecimento, a individual.

² In *Sudoeste*, n.º 1, Lx., 1935 (Contexto Editora, Lx., 1982, ed. fac-similada, p. 8).

³ In *Ver*, *op. cit.*, p. 44; p. 55.

CARTA DE DALILA PEREIRA DA COSTA A ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO¹

Porto, 10-III-1992

Querido Amigo

Não estranhe a carta escrita à máquina: vai ser grande, para tentar responder à sua última e assim, será mais rapidamente legível para si.

Antes de mais, desculpe meu silêncio prolongado. Custou não poder responder logo a essa sua carta: mas estava em plena revisão de um grosso *bouquin*, que queria entregar, como entreguei, esta passada semana ao possível editor: assim, como calcula, era-me difícil levantar a mão deste trabalho.

Agora a mântica: se essa palavra lhe surgiu em sonhos tão insistente e misteriosamente, é porque, penso, lhe estão desde o alto a pedir uma



¹ Das vinte ou trinta cartas que recebi de Dalila Pereira da Costa apenas guardei esta comigo. As restantes foram dadas a um arquivo público e delas não guardei cópia como não guardei cópia da minha carta a que esta de Dalila responde. Mas pela carta que de seguida se apresenta é fácil perceber que as questões da minha tratavam dos processos do automatismo mental tal como ele fora tratado desde o magnetismo de Franz Anton Mesmer e das mediações verbais espíritas, com um ponto alto no final do século XIX nas associações verbais livres da psicanálise freudiana e da psicologia de Pierre Janet. Foi neste magma escaldante que o surrealismo descobriu a escrita automática, que está na base do automatismo psíquico que serviu a André Breton para definir em 1922 o surrealismo. A carta de Dalila Pereira da Costa tem o maior interesse para percebermos os seus processos mentais de trabalho, que estão na linha das mediações espíritas e dos achados automáticos surrealistas, fazendo parte duma noção de literatura em que a palavra é vista como expressão, mas expressão do sobrenatural ou dum real que excede a realidade. Actualizámos a grafia dalgumas palavras mas respeitámos a singular pontuação da autora e passámos a itálico as palavras sublinhadas no original dactilografado. [A. Cândido Franco]

interpretação do enigma, ou enigmas, portugueses. Essa palavra, o António Cândido a encontrará também em francês, “mantique” e como lhe disse, com o mesmo significado de *devination*.

Comigo, acontece-me casos idênticos como a si: surgirem-me nos sonhos palavras que por completo desconheço conscientemente, na vida acordada. O nosso eu verdadeiro eterno, sabe mais do que o eu efêmero, quotidiano, e desperta na noite, nela está mais livre dos liames ou e desatenções do dia. No ano passado,

ANTÓNIO QUADROS E A FILOSOFIA LUSÓFONA: VINTE E CINCO ANOS DEPOIS, UM SABER CADA VEZ MAIS VIVO

Renato Epifânio

Defendeu António Quadros que “o pensamento de um filósofo, nascido de uma fusão entre ele mesmo e o meio circundante, da interpretação das suas faculdades sensitivas e espirituais e do ambiente humano e mesológico, é eminentemente individual, local e temporal”¹. Daí, cumulativamente, a sua expressa defesa de uma “filosofia portuguesa ou de uma filosofia de língua portuguesa”² (ou ainda, diríamos nós, de uma Filosofia Lusófona) – a qual, sendo expressão da nossa forma de ser, estar, sentir e pensar o mundo, não poderia jamais constituir-se como uma forma de *enclausuramento*, mas, pelo contrário, de *abertura* – ainda nas palavras de António Quadros:

*“Nunca os teorizadores de uma filosofia portuguesa ou de uma filosofia de língua portuguesa pretenderam afirmar uma sua existência positiva com finalidades de enaltecimento nacionalista ou restritivo, e muito menos criar uma tradição filosófica para satisfação de pruridos autolátricos, castigos ou aristocráticos.”; “Sejamos solidários com o mundo, mas activamente, dinamicamente, criadoramente. Esta é a ideia que garante e legitima a teorização de uma filosofia portuguesa.”*³.

¹ *A Angústia do nosso tempo e a Crise da Universidade*, Lisboa, Cidade Nova, 1956, p. 34.

² Como já tem sido reiteradamente salientado pelos mais insignes hermenêutas da nossa tradição filosófica, como, por exemplo, Pinharanda Gomes – como escreveu, na *Nova Águia: Revista de Cultura para o Século XXI* (nº 1, 2008), a respeito da “Anamnese da Ideia de Pátria”: “Procurou ele [António Quadros] construir uma patriosofia da portugalidade, nela entrosando a história real e a história ideal, a imanência e a providência (...). Na esteira de Álvaro Ribeiro, e em glosa a Leonardo, portugalidade surge, neste cenário, não apenas como herança, mas como uma vida a construir, dentro de um elenco axiológico, em vista da redenção. Constitui, enfim, não um dogma fixista, mas um problema da antropologia filosófica, e de antropologia situada, à luz do preceito que manda filosofar antes de fazer política, considerando o povo, a cultura, a língua e os valores, com ou sem ideia de V Império” (p. 28).

³ *O Movimento do Homem*, Lisboa, Soc. de Expansão Cultural, 1963, pp. 317-319.

Na esteira de António Quadros, equaciona-se pois a nossa “diferença”, a nossa “relativa verdade”, em última instância, a “relativa verdade” de todas as filosofias. E isto sem se defender, necessariamente, a relativização da Verdade – ainda nas palavras de António Quadros:

*“A verdade é só uma? Talvez. Mas cada homem – e mais largamente cada país, está colocado em situação diferente em relação à verdade, relação da parte para o todo, entenda-se. A verdade é só uma, mas desabrocha em infinita variedade e plasticidade. Reduzir todos os planos da paisagem a uma só, ontem o plano de Florença ou Roma, hoje o plano de Paris, amanhã o plano de qualquer outra cultura igualmente totalitária e exigente, é empobrecer as possibilidades de alargamento de compreensão universal. Pelo contrário, possibilitar o desenvolvimento de tantas estéticas quantos os países, de tantos prismas de observação e de conhecimento quantas as resultantes de um determinado circunstancialismo geográfico, étnico, psicológico, político, social e filosófico, é aumentar em número proporcional as ‘tomadas de contacto’ com a verdade.”*⁴.

E por isso acompanhamos ainda António Quadros quando este defende que “ainda bem que os caminhos e os caminhantes são múltiplos e diferentes”. Se o não fossem, como nos diz ainda, “teríamos todos um único horizonte, um único modo de ver e de contemplar – marcharíamos todos como carneiros, quem sabe se para o abismo?”. Eis porque, com efeito, ainda bem que os caminhos e os caminhantes são múltiplos e diferentes, e múltiplas e diferentes são as culturas e as filosofias – ainda nas palavras de António Quadros:

⁴ *Introdução a uma estética existencial*, Lisboa, Portugal Ed., 1954, p. 13. Ao invés, “a posse total e absoluta da verdade suporia uma só língua” [cf. “Da Língua Portuguesa à Filosofia Portuguesa”, in AA.VV., *Seminário de Literatura e Filosofia Portuguesas* (actas), Lisboa, Fund. Lusíada, 2001, p. 89].

máquinas e de engenhos? É a técnica a garantia da ciência? Mas a técnica, ou arte, de fabricar mecanismos não depende do conhecimento da luz intrínseca do fenómeno. Eu posso fabricar um foguete, como outros podem fabricar um foguetão, sem saber o que é a pólvora ou a energia atómica. Basta acender um fósforo diante de um selvagem para o pôr ao nosso serviço; para pôr ao nosso serviço a humanidade, é necessário acender um foguetão. O selvagem não querera saber como se fabrica o fósforo, nem nós lho diremos nunca: querera apenas utilizá-lo. Do mesmo modo, a humanidade ignora como se fabricam foguetões. Podemos convencer um e outro que a energia fosfórica e a energia atómica não têm segredos que a nossa ciência não conheça porque as utilizamos e dominamos. Entre nós e através de um código a que daremos o nome de alta matemática, trocamos ideias sobre o que seja a energia da matéria. Essas ideias são modelos simbólicos de uma actividade invisível que designamos por átomo.

[4] CARTA SEGUNDA

Leonardo Coimbra não quer que a humanidade seja depois de Cristo o que foi antes de Cristo e por isso repudia a tragédia grega. Deveria também repudiar o teatro de Shakespeare. Mas a redenção da humanidade e, segundo Orígenes, de todo o Universo, é feita através da tragédia de Deus que, aliás, a Igreja Católica repete em simbólica presença todas as semanas. “O mal não é por si só suficiente para que por ele se explique o Universo” escreve contra *A Ideia de Deus* de Sampaio Bruno. Todavia, foi suficiente para provocar a morte humana de Deus. E como o segundo Édipo (*Édipo em Colona*) nos mostra o herói trágico, que a fatalidade no primeiro Édipo (*Édipo Rei*), levou ao desterro e à cegueira dotado do poder miraculoso de curar (*Cristo ressuscitado*), assim a ressurreição de Cristo não foi sem a celebração pela humanidade que o crucificou do mistério do mal.

Se na existência do mal não houver algo de radical, isto é, se o mal não estiver nas raízes do mundo não se compreenderá a necessidade da encarnação de Deus. Essa raiz é também a de que brotou a humanidade porque é a figura do homem que Deus assume pelo Filho. Daqui a

importância do homem na *Divina Comédia* que levou Orígenes a dizer que a *Divina Tragédia* repercutiu infinitamente e tremendamente nas esferas angélicas e arquiangélicas do Universo. Há que reconhecer que os gregos perpetuavam pela tragédia uma antiquíssima tradição, conhecida e sabida de todos os povos do mundo. A teoria da tragédia exposta por Aristóteles na *Poética* é a teoria do sacrifício que Leonardo Coimbra já medita no seu primeiro livro. Só nos tempos modernos a arte da palavra se tornou uma ocupação de literatos.

[5] CÓDIGO DE HONRA DO CIDADÃO LIVRE

1.º *Não me esquecer nunca de mim em qualquer situação, de modo a ser sempre responsável dos meus pensamentos, palavras e actos.*

2.º Não se trata do que se entende habitualmente por responsabilidade moral. *Bons ou maus* pensamentos, por exemplo, *é em mim* que eles nascem e progridem, evoluem e morrem. Aqui, *a presença a mim mesmo* pode ser, e é, a de alguém que assiste aos seus próprios pensamentos como se fossem de *outro*, mas eu sou ainda responsável por *esse outro* que deixei instalar em mim. Responsável, quer dizer, que respondo por ele e não que me desculpo com ele. Se, ao pensar, falar e fazer me esqueço de mim, sou como se não fosse, sigo como se não permanecesse no movimento que os transporta. E como os outros são vários a instalar-se, vivo sem identidade, como um autómato. Agredi alguém? Não tive culpa, não fui eu. Vejo depois o de que deveria ter consciência no momento. E, tendo consciência, assistir impávido ao movimento do *monstro* que agride, reconhecer que ele é em mim realmente existente. Dir-se-á que assim se aceita o mal. “Não resistir ao mal” disse Jesus. A verdade é que este é o único caminho de libertação do mal. Se reajo contra o “monstro” que *quer* agredir, ele cresce e aumenta de força. Se não tomo consciência dele em mim, apodera-se inteiramente do meu ser.

O que acontece se não resisto ao mal, estando eu presente a mim mesmo? “Mais vale experimentá-lo que julgá-lo”. Mas julgando é de supor que a energia, que pela minha entrega ou pela minha resistência, animava inteiramente o monstro, lhe falta e a vontade ou força que o animava pode ser captada para fins mais nobres.

António José Queiroz

ARLEQUIM

Um dia uma cigana leu-me a sina
E errou com sedutora mestria:
A ave da ilusão bateu asas
E eu tive de aprender a ser feliz.

De modo que talvez não adiante
Dedicar-me à ciência dos enigmas,
Lançar as runas, as pedras, os búzios,
Praticar o tarot, ser cartomante.

Não quero exumar os gestos antigos,
Levantar o véu denso do futuro
Em busca de certezas clandestinas.

Aceito o dia-a-dia sem derrota:
No palco da vida sou arlequim,
A rir-me do mundo, a rir-me de mim.

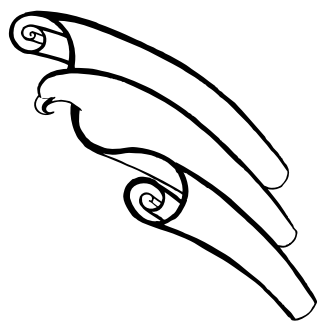
Renato Epifânio

SIDÓNIO

Sim, Sidónio, Presidente-Rei
Morreste bem, há cem anos
País, pelo País, pela Pátria

Cem anos depois, um século após
De um novo Rei precisamos
De um novo Rei, de um novo Rumo

Não para morrermos, de novo
Mas para uma nova Renascença
Da Pátria, nossa, a Pátria Lusófona



BIBLIÁGUIO

SEGUNDO SEMESTRE DE 2018



4 DE JULHO, no Museu Maçónico Português: Lançamento de “Uma Vida de Herói - Morte e Transfiguração de Jaime Cortesão” (Coleção *Nova Águia*), de Pedro Martins.



12 DE SETEMBRO, nos Paços do Concelho do Município de Murtosa: Lançamento de “Ensaio sobre Identidade e Cidadania” (ed. MIL), de António de Abreu Freire.



13 DE OUTUBRO, na Biblioteca Municipal do Bombaral: Lançamento de “Lusalém” (ed. MIL), de Delmar Domingos de Carvalho.



24 DE OUTUBRO, no Palácio da Independência (Lisboa): Lançamento da *Nova Águia* nº 22.



7-8 DE NOVEMBRO, na Universidade da Beira Interior: Colóquio de Homenagem a Miguel Real.



12-14 DE NOVEMBRO, no Palácio da Independência: XII Colóquio Tobias Barreto.



16 DE NOVEMBRO, no Instituto Cervantes: Lançamento de “Presença de Ortega y Gasset em Portugal e no Brasil” (ed. MIL).



24 DE NOVEMBRO, no Centro Cultural de Montargil: Homenagem a Manuel Ferreira Patrício.



10 DE DEZEMBRO, no Museu de Angra de Heroísmo: Lançamento de “Joaquim Maria da Silva, Pensamento e Obra: III Colóquio do Atlântico” (ed. MIL).